

JAMES THOMPSON

AS LÁGRIMAS
DE LÚCIFER

Tradução de Ana Lourenço

1

O bebê dá um pequeno pontapé e desperta-me da sesta. Kate e eu dormimos aninhados um no outro. A cabeça dela pousada na curva do meu ombro, a minha enterrada no seu longo cabelo ruivo. O corpo dela, esguio e pálido, encostado ao meu. A minha mão sobre ela, pousada no seu ventre. Kate não se mexe. Com o avançar da gravidez, o seu sono tornou-se mais profundo, e o meu mais leve. Agora que está de oito meses e meio, eu mal prego olho; limito-me a dormir num estado de semi-inconsciência. Pela ecografia soubemos que vamos ter uma menina.

Enfio um roupão, meias de lã e chinelos, acendo um cigarro e saio para a varanda do nosso apartamento em Helsínquia. A neve, quando iluminada pelos candeeiros, transforma-se num lençol luzidio e ofuscante que atravessa a escuridão. Um vento implacável fustiga-me, enfia-se sob o roupão e congela-me os tomates, deixa-me sem fôlego e faz-me rir. Agarro-me ao varandim para evitar cair no passeio lá em baixo. Estão vinte graus abaixo de zero.

O meu lar, a Finlândia. O nono e mais recôndito círculo do inferno. Um lago gelado de sangue e culpa resultante do derrame de lágrimas de Lúcifer, convertido em gelo pelo adejar das suas asas finas. Volto para dentro a coxear. Este tipo de frio faz com que o meu joelho magoado fique tão hirto que, mais do que caminhar, arrasto a perna esquerda.

Tenho uma dor de cabeça fortíssima. Cambaleio até à casa de banho, tiro dois comprimidos de paracetamol de um frasco, mastigo-os para que atuem mais depressa, ponho a boca sob a torneira e engulo-os com água. Não sei porque me dou ao trabalho. Já não surtem efeito. As enxaquecas começaram pouco depois de Kate perder os gémeos, há pouco mais de um ano, e pioraram com o tempo. Sofro da mesma dor de cabeça, sem interrupções, há quase três semanas. Está a começar a deixar-me louco.

Sento-me numa cadeira de balouço junto à cama e observo Kate a dormir. Tal como Beatriz era o objeto do amor incondicional de Dante, Kate é o meu. Kate, a minha rainha das neves de cabelos cor de canela e pele clara. Kate: a minha bela americana. Desde que a conheci, ela tem sido o princípio e o fim. Para mim, só existe Kate.

A gravidez pôs Kate mais radiosa do que nunca. Sinto uma pontada de culpa pela morte dos nossos gémeos, e pergunto-me de novo se terei sido eu a causa dessa perda. Pergunto-me se pensa neles com tanta frequência quanto eu, e se me culpa pela sua perda. Kate implorou-me que deixasse o caso de Sufia Elmi. Dizia que era demasiada tensão para os dois. Eu recusei.

Consegui solucionar o homicídio, mas à custa de um grande desgaste. Cinco cadáveres acumulados durante o caso, incluindo o do meu amigo, o sargento Valtteri, e o da minha ex-mulher. Duas mulheres ficaram viúvas e sete crianças perderam os pais.

E eu levei um tiro na cara. A bala deixou-me uma cicatriz feia, que podia ter sido corrigida com uma pequena operação plástica, mas eu não quis. Carrego-a como símbolo da minha culpa, por não ter conseguido resolver antes o caso. Podia ter poupado toda aquela gente a muitas mortes e a uma grande dor. Ainda vejo Valtteri a premir o gatilho. O seu sangue e os seus miolos espalhados no gelo. O eco do disparo ressoa pelo lago. Fita-me com olhos mortos e cai. O seu sangue tinge o gelo da sua cor cinzento-pérola para um negro intenso. Ainda me recuso a falar disso. Kate acha que sofro de choque traumático.

Dediquei-me ao caso de Sufia Elmi virando as costas a tudo e todos. Até a Kate. Ela abortou dois dias mais tarde, no dia a seguir

ao Natal e perdeu os bebês. Considero que a culpa é minha. Creio que o stresse que lhe causei provocou o aborto. Nunca falei a Kate do meu sentimento de culpa, não consigo pô-lo em palavras.

Kate não era feliz em Kittilä, a minha cidade natal, no Círculo Polar Ártico. Queria mudar-se para Helsínquia e começar do zero. Como recompensa por resolver o homicídio de Sufia Elmi, deram-me uma medalha e ofereceram-me o posto que quisesse. Já tinha vivido em Helsínquia anos antes, mas partira por um motivo. Ainda tenho más recordações do lugar. Mesmo assim, devia-o a Kate, portanto mudámo-nos e entrei para a Brigada de Homicídios de Helsínquia.

Amanhã à noite chegam dos Estados Unidos os irmãos de Kate, John e Mary. Ela não os vê há anos e fico contente por ter essa oportunidade, mas eles vão ficar várias semanas, para acompanhar Kate durante os últimos dias da gravidez e ajudá-la quando o bebé nascer. Quem diabo faz isso? Nunca ouvi falar de nenhuma família que tivesse feito tal coisa. Não posso dizê-lo a Kate, mas não os quero aqui. Isso mudará a dinâmica da casa. E, além disso, quero Kate só para mim durante este período tão íntimo. Não preciso de ajuda para tomar conta da minha mulher e da minha filha.

Ao fim de algum tempo, volto para a cama. Faço deslizar o braço sob a cabeça dela e ela volta-se para mim, solta uma ressonadela leve e depois acorda o suficiente para olhar para mim e sorri.

– Queres fazer amor? – pergunta-me.

– Sim – respondo. – Quero.

A gravidez e as alterações hormonais potenciaram a sua libido e, apesar das enxaquecas, eu faço-lhe a vontade com gosto. Tenho um medo irracional de que o sexo possa fazer mal ao bebé, e possuo-a com mais suavidade do que ela desejaria. Depois, ela pousa a cabeça no meu ombro e retoma o sono.

Espero até ter a certeza de que ela adormeceu antes de voltar a mexer-me. Kate gosta que eu fique acordado na cama até ela cair no sono. Fá-la sentir-se segura. Hoje estou no turno da noite; olho para as horas. São sete da tarde. Tenho de estar no trabalho dentro de uma hora. Tomo um duche e visto-me. Kate continua a dormir. Destapo-a um momento, dou-lhe um beijo no ventre e volto a tapá-la antes de sair.

Enquanto conduzo rumo à esquadra de Pasila, as ruas estão quase vazias. Brinco com o meu *Saab* na neve, dando uma guinada ao volante para o fazer patinar, acelerando para o endireitar. Uma brincadeira imprudente.

2

São dez da noite de domingo. Estou no turno da noite, que costuma ser atribuído aos novatos. Posso estar nos Homicídios há pouco tempo, mas contando o tempo que passei como polícia durante o serviço militar obrigatório, aos 19 anos, tenho 22 anos como agente da lei. Não me passa ao lado a desconsideração de me atribuírem estes turnos de merda. Trabalho com Milo Nieminen, o outro tipo novo, recém-promovido a sargento-detetive, o que reforça ainda mais o meu estatuto na brigada.

Rauha Anttila, 78 anos de idade. Encontrada morta pelo filho na sauna da sua casa. O filho não aguentara e saíra. Um único agente vigia a casa, à espera da nossa chegada. Mando-o embora. Milo e eu estamos sozinhos no apartamento. Calçamos as luvas de látex, atravessamos a casa de banho e abrimos a porta da sauna. Também não sei se Milo consegue aguentar aquilo. Emite uns sons guturais, está prestes a vomitar.

Milo e eu ainda não tivemos realmente tempo para nos conhecermos. Ele está na casa dos 20 anos, é para o baixo e magro. Usa o cabelo muito curto. Sob os olhos escuros, tem olheiras que parecem permanentes.

– Podias experimentar uma máscara – sugiro. – Alguns polícias usam-nas nestas situações.

– E ajuda?

– Não.

Calculo que Rauha estará morta há uns dez dias. A sauna é elétrica e tem um temporizador com um máximo de quatro horas, portanto não cozeu demasiado tempo, mas o calor fez com que o processo de decomposição se ativasse mais depressa do que o normal. O seu corpo passou pela fase do inchaço e está a caminhar para o fim da fase escura de putrefação. Adquiriu um tom esverdeado-escuro. As suas cavidades corporais rebentaram e os gases saem para o exterior. Devia ter sido pior há um par de dias, mas o cheiro a decomposição é avassalador.

Milo recupera o aspeto; deve estar a habituar-se.

– Credo, porque é que nenhum vizinho comunicou isto há uns dias? – pergunta.

– A porta da sauna estava fechada, e a da casa de banho também. A maior parte do fedor deve ter saído pelo tubo extrator, que conduz ao telhado. Provavelmente notaram algum mau cheiro, mas pensaram que era um rato morto ou qualquer coisa nas condutas de ventilação.

A formação de gases no abdómen expulsou fluido e fezes. Os gases subiram até ao rosto e ao pescoço, e provocaram o inchaço da boca, dos lábios e da língua. Tem a cara desfigurada, quase inidentificável. Formaram-se bolhas na pele. Milo enche-se de coragem e aproxima-se para ver melhor.

– Tem cuidado.

– Com o quê?

– Com os bichos. Estão a pôr ovos nela há dias.

Rauha está deitada de lado. Milo faz um esforço para a examinar. Move-a, tenta olhar para baixo dela em busca de possíveis sinais de violência. Algumas bolhas rebentam e libertam o líquido que contém. A pele está colada ao banco de madeira da sauna, desliza por entre os dedos dele e solta-se. Do rabo dela saem larvas que caem a retorcer-se no banco.

Vejo-o a tentar ser duro. Estremece, mas não recua. Move a cabeça da mulher. O couro cabeludo desprende-se. Ele afasta as mãos num gesto de nojo. Suponho que não lhe ocorre mais nada que investigar,

e usa um depressor lingual para ver o interior da boca, em busca de alguma obstrução das vias aéreas que indique asfixia intencionada. Quando a abre, de entre os dentes saem pequenas vespas recém-nascidas que se lançam contra o seu rosto. Ele perde o controlo, e começa a esbracejar.

– Avisei-te – digo-lhe.

Ele olha para mim e volta-se rapidamente. Se continuarmos aqui na sauna com o corpo, ele pode ir-se abaixo. Poupo-lhe a humilhação.

– Vamos procurar por aí – proponho.

Revistamos a casa de Rauha à procura de medicamentos, receitas médicas, documentos hospitalares, qualquer coisa que nos possa dar uma pista sobre o motivo da morte. Não há nada que se destaque. Quando acabamos, ligo à Mononen, a empresa que se dedica a transportar corpos para a polícia. O operador diz-nos que teremos de esperar uns 45 minutos.

Sentamo-nos na cozinha, em extremidades opostas da mesa de Rauha. Entre nós há uma taça com bolachas moles e outra com fruta podre.

– Queres um cigarro? – perguntou.

– Não fumo.

Milo olha fixamente para a taça cheia de laranjas bolorentas e bananas pretas.

– Deduzo que é a primeira vez que encontras um corpo assim. Ele assente sem levantar o olhar.

– Não te preocupes – digo. – Melhora com o tempo.

Ele estabelece contacto visual.

– Melhora?

Minto para o fazer sentir-se melhor. Não melhora, as pessoas é que se habituam a tudo com o tempo.

– Sim.

– Ainda não a examinámos – observa.

– Claro que sim, na medida do possível. Vão ter de a tirar daqui à pazada, e se foi vítima de um crime, descobrir-se-á na autópsia.

Tiro uma chávena de café do armário de Rauha e deito-lhe um pouco de água para poder usá-la como cinzeiro; depois volto a sentar-me e acendo um cigarro.

– Os outros elementos da brigada não gostam de mim – comenta Milo –, e agora que tenho de investigar uma morte rotineira compor-
-me como um mariquinhas.

Não gosto que desconhecidos partilhem comigo as suas emoções. É um sinal de fraqueza e deixa-me pouco à vontade. Mas ele precisa de falar e não creio que vamos ser desconhecidos muito mais tempo, portanto dou-lhe o que precisa e deixo-o explicar-se:

– Foi a tua estreia nos Homicídios. Não sejas tão duro contigo.

Ele continua a olhar para a fruta podre, portanto insisto:

– Porque dizes que os outros não gostam de ti?

Ele recosta-se na cadeira, tira um cigarro do maço que eu pousara sobre a mesa e acende-o.

– Pensei que não fumavas.

– Deixei de fumar. Acho que recomecei neste momento. – Puxa algumas bafuradas e observo aquela satisfação que só recomeçar a fumar pode proporcionar. – Organizaram-me uma festa de boas-vindas há uns dias. *Bowling* e depois copos. Acham que sou um intelectualoide chanfrado, não um detetive.

Eu estava de serviço, não pude ir à festa. Sei um pouco sobre Milo pelos jornais. Foi promovido em detrimento de outros com um longo historial de méritos, portanto é fácil entender o ressentimento que provoca. Milo é um tipo inteligente, membro da Mensa. Conseguiu o lugar na Brigada de Homicídios porque, enquanto polícia de giro, resolveu um caso de fogo posto e dois casos de violações em série. Não eram casos seus. Fê-lo como passatempo, para se divertir, triangulando as prováveis zonas de residência dos delinquentes. Uma vez até 500 metros, outra até 200 e a terceira até dar com o prédio certo.

– Porque dizes isso? – pergunto.

As olheiras sob os seus olhos parecem manchas de carvão. Faz uma careta.

– Porque compreendo as pessoas, e a minha enorme capacidade de empatia permite-me ver o coração e a mente dos outros. – Isto faz-me rir, e ele também se ri um pouco. – Acredita – acrescenta –, percebi que não gostam de mim.

– Como resolveste aqueles casos por que te promoveram? – pergunto.

– Uns psicólogos especialistas em perfis criminais desenvolveram um programa informático de triangulação. A Polícia mostra-se reticente em usá-lo porque é caro, e porque muitos agentes estão convencidos de que as suas brilhantes técnicas de investigação criminal, também conhecidas como palpites, são superiores ao método científico.

– Se é tão caro, como conseguiste? E como é que não soube como fizeste?

– Pirateei o programa, e como o roubei, tive de mentir a esse respeito.

Volto a rir-me. Ele é um tipo estranho, mas tenho de admitir que é engraçado.

– Bem, eu nem sequer tive direito a festa de boas-vindas – observo.

– Nisso ganhas-me.

– Eles também não gostam de ti.

– E descobriste isso graças aos teus dotes de perceção e empatia?

– Quando se embebedaram, queixaram-se de ti. Não confiam em ti porque te deram um posto numa unidade de elite por motivos políticos, e isso não deve acontecer. Disparaste sobre um tipo e levaste dois tiros. Isso indica descuido. Recebeste medalhas por essas duas borra-das. Isso deixa-os lixados. Como inspetor, recebes um ordenado maior do que o resto dos sargentos-detetives. Ganhas mais do que nós, o que os deixa ainda mais lixados. Não querem trabalhar contigo. Recordo-me de ter ouvido a frase «lapão perigoso e atrasado que fode renas».

Eu achava que eles mantinham a distância apenas porque sou novato e ainda não provei o que valho, que aquilo haveria de passar quando o fizesse. Mas talvez estivesse enganado.

– Na verdade – diz Milo –, o Saska Lindgren falou bem de ti. Disse aos outros que achava que deviam dar-te uma oportunidade.

Saska é meio cigano. Vítima de rejeição devido à sua raça. É lógico que se mostre mais recetivo a alguém como eu. Muita gente me disse – incluindo o meu chefe – que ele é um dos melhores polícias de Homicídios de toda a Finlândia. Esteve nas forças de paz da ONU na Palestina, trabalhou para o ICTY – o Tribunal Criminal Internacional

para a antiga Jugoslávia – investigando crimes de guerra, execuções e valas comuns na Bósnia, e identificou corpos na Tailândia depois do tsunami de 2004 que devastou a região. Os numerosos certificados que decoram as paredes do seu gabinete atestam as muitas conferências de formação para polícias a que assistiu em todo o mundo. Também é um dos maiores especialistas em análises de salpicos de sangue. Além disso, participa em muitas obras que beneficiam a comunidade. É um tipo tão bonzinho que até agora o considerei aborrecido. Talvez tenha de mudar de opinião.

– Como somos as ovelhas negras – concluiu Milo –, por defeito talvez tenhamos de trabalhar juntos com frequência.

Os tipos da Mononen chegam para levar o corpo de Rauha Anttila. Vemo-los a arrastá-lo, depois saímos dali.